

Memória e esquecimento no jornalismo

Do papel à desmaterialização digital¹

Memory and forgetfulness in journalism

From paper to digital dematerialization

Por Adriana Barsotti

Introdução

Primeiras páginas de jornais impressos inspiraram as *home pages*, suas equivalentes digitais no jornalismo em rede (HEINRICH, 2011). Nos primórdios da internet comercial, nos anos 1990, Mc Adams (1995) notou que os veículos jornalísticos transpuseram para seus sites noticiosos o mesmo conceito adotado pelos periódicos no papel. Na página principal, ou *home page*, devem estar os principais destaques do noticiário. Manchetes e chamadas ali dispostas são redigidas até hoje segundo os mesmos princípios do jornal impresso, de acordo com os valores-notícia consagrados pela cultura profissional dos jornalistas.

Entretanto, apesar da continuidade acima observada, também é possível notar rupturas (FOUCAULT, 2015). Entre elas, está a efemeridade das *home pages*. Como o fluxo de publicação é contínuo, diversas primeiras páginas ou recombinação delas são editadas sem cessar. O intervalo de atualização das *home pages* revela um rompimento em relação ao ciclo de 24 horas do jornal impresso. Para se ter uma ideia, em 2011, a primeira página *on-line* de *O Globo* era atualizada a cada 10 minutos e a do Extra, a cada 12 (BARSOTTI, 2014).

Na verdade, o processo de construção da primeira página *on-line* é, antes, sua própria desconstrução. Sucessivas atualizações decretam a efemeridade de notícias que minutos antes foram julgadas como as mais importantes do dia (ou do momento). Sua construção também não começa com uma página em branco, como no jornal impresso. Ela é sempre feita e refeita a partir

¹ O artigo é parcialmente fruto de pesquisas realizadas durante o doutoramento da autora.

de escombros das primeiras páginas anteriores, pois nunca a *home* é 100% atualizada de uma só vez. Até que ponto esta aceleração das rotinas produtivas contribui para o esquecimento da *home page*? Afinal, não há “a” primeira página *on-line* do dia, mas diversas delas.

Novos hábitos de leitura também vêm contribuindo para o esquecimento das *home pages*. A expansão dos *smartphones* concomitantemente à das redes sociais e do consumo de notícias por meio de mecanismos de busca criou o fenômeno chamado “conteúdo distribuído”². Os links tornaram-se mais importantes e independentes do que a *home page* dos sites e são acessados de acordo com o interesse e senso de urgência que despertam nos usuários, seja em mecanismos de busca, agregadores de notícias, redes sociais ou notificações pelo celular. Google e Facebook respondem, respectivamente, por 38% e 43% dos acessos aos 400 maiores sites de notícias do mundo³.

Enquanto isso, as primeiras páginas de jornais impressos, que inspiraram as *home pages*, estão também longe de ecoar como os gritos dos jornalistas que anunciavam suas manchetes no passado. Nos últimos 15 anos, a penetração dos diários na população brasileira caiu de 53% – índice registrado no ano 2000 – para somente 17%, em 2015⁴. No entanto, por meio deles, o jornalismo contribui ou já contribuiu para a formação da memória coletiva (ZELIZER, 1992).

Na trajetória de primeiras páginas – do grito no passado ao silêncio contemporâneo das *home pages* –, qual é o vínculo que pode ser estabelecido entre a desmaterialização dos suportes no jornalismo e o esquecimento das *home pages*? Por outro lado, até que ponto primeiras páginas de jornais impressos podem ser mais memoráveis devido ao suporte papel em que são veiculadas? O propósito deste artigo é analisar a articulação entre memória e esquecimento que são acionados a partir da leitura de primeiras páginas em seus suportes impresso e digital e suas consequências para o jornalismo. Para atingir os objetivos, foi utilizada uma combinação de métodos: revisão bibliográfica e entrevistas em profundidade com 10 jornalistas que já editaram ou editam primeiras páginas e *home pages* de jornais de referência (WOLF, 2009) no país.

² O termo consta do estudo Digital News Report 2016, conduzido pelo Reuters Institute. Disponível em <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Digital-News-Report-2016.pdf>>. Acesso em 20 nov 2016.

³ Disponível em <<http://fortune.com/2015/08/18/Facebook-Google/>>. Acesso em 20 nov de 2016.

⁴ Os dados são do Ipsos Estudos Marplan e estão disponíveis no site da Associação Nacional de Jornais: <<http://www.anj.org.br/penetracao-dos-jornais-diarios-2/>>. Acesso em 2 fev 2017.

Do valor simbólico dos suportes duráveis à “economia do efêmero”

A primeira página – tanto impressa quanto *on-line* – sofre com os efeitos de sua efemeridade e esquecimento no mundo contemporâneo à medida que novos hábitos de leitura vêm sendo adotados. Mas há que se ressaltar uma característica distintiva entre as duas: o suporte em que cada uma é veiculada e sua influência nas práticas comunicacionais. Sem desconsiderar que a convergência entre as mídias é um processo de transformação cultural – e não apenas tecnológico (JENKINS, 2009) – é impossível deixar de notar, contudo, a influência da materialidade como agente propulsora da própria efemeridade e do esquecimento da primeira página *on-line*, assim como da perenidade da primeira página impressa, de acordo com os suportes em que são veiculadas.

Innis (2011), McLuhan (2011), Chartier (1998), Debray (1993) e Mouillaud (1997) estão entre os autores que afirmam que a materialidade dos meios pode afetar a transmissão da mensagem. Para Innis (2011), cada civilização, além de ter sua forma dominante de comunicação, também teria uma orientação (viés) para o tempo ou para o espaço. Para ele, as sociedades com viés para o tempo foram as dependentes de “meios duráveis”, como a pedra, a argila e o pergaminho. Elas entraram em decadência diante das que adotaram meios mais “leves e portáteis”, como o papiro e o papel, com viés para o espaço.

Influenciado por Innis, McLuhan (2011) debruçou-se sobre como os meios influenciam pensamentos e ações. O teórico entende que os meios – ou tecnologias – expandem a existência, as capacidades e o corpo humano. Seu mais famoso aforismo – “o meio é a mensagem” – sugere que as tecnologias que usamos desempenham um papel fundamental na nossa maneira de nos comunicar, pensar, sentir e usar nossos sentidos.

McLuhan assinalou que cada meio se tornava o conteúdo do que o que o substituíria: o manuscrito tornou-se o conteúdo do impresso; a fotografia e o romance tornaram-se o conteúdo do filme; o filme tornou-se o conteúdo da TV. Ou seja, uma mídia era incorporada ou representada na mídia mais nova. Esse processo de remediação mereceu a atenção recentemente de Bolter e Grusin (2000), que analisaram os diferentes graus em que as mídias digitais remediam as anteriores. Manovich (2003) assinala que as novas mídias se alimentam das velhas, tornando-se, por isso, metamídia.

Chartier (1998) também ressalta a influência dos suportes na compreensão dos significados. Ele nota que um romance de Balzac pode ser recebido de maneira diferente caso ele seja publicado em um folheto, em um livro ou incluído em um volume de obras completas (1998, p. 138). Refletindo sobre a forma e o conteúdo, Mouillaud observa que “à primeira vista, a embalagem e o objeto podem ser separados sem que o objeto perca sua identidade; entretanto, um perfume continua a ser um perfume sem seu frasco? O limite material está evidente, e o limite simbólico?”, questiona (1997, p. 29). Ele enxerga o jornal como um “operador sócio-simbólico”, que produz sentido diariamente por meio da constituição de um “todo cujas partes estejam coordenadas” (1997, p. 50-51).

Para Debray (1993), a cultura sempre esteve intrinsecamente condicionada à sua materialidade. Ele lembra que, no Egito, o valor simbólico de um texto estava associado à raridade do suporte. O couro (dos pergaminhos), mais caro que o papiro, que, por sua vez, custava mais do que a pedra ou a argila, era o veículo das mensagens mais sacralizadas (1993, p. 208). Ele ressalta que, no início, o papel não era considerado fiável a ponto de as universidades terem mantido os canudos de pele para a colação dos graus. Posteriormente, os livros de bolso suscitariam indignação nos meios literários por serem vistos como uma profanação do suporte convencional do livro. Portanto, conclui Debray, não há como se menosprezar o valor simbólico dos suportes.

Na transformação dos meios, Debray nota uma direção dos mais rígidos e pesados para os mais leves e flexíveis até chegarmos à era da eletrônica, em que eles passaram a caminhar da miniaturização para a desmaterialização. Debray assinala que a adoção dos formatos mais leves e flexíveis caminhou junto com a multiplicação das cópias, devido à redução dos custos dos suportes. Quanto mais suportes e mais baratos forem seus custos de reprodução, maior a abundância de conteúdos a serem expressos. Afinal, não haveria como “se exprimir de maneira difusa ou fazer uma digressão com um cinzel de ferro e uma coluna de mármore” (1993, p. 210).

Para o teórico, a disponibilidade dos suportes de cada ambiente de mídia suscita uma “economia do monumental e do efêmero”. Dito de outra forma, o ambiente de mídia determina o que será memorável e o que será descartável (1993, p. 210). Assim, quanto mais descartáveis os suportes, mais efêmeras as mensagens. Nesse caminho, os suportes foram perdendo a “aura” (1993, p. 225), pois deixam de relacionar-se à poupança, e passam a associar-se à abundância e fragilidade, com uma vida cada vez mais curta.

Da memória construída à refletida

Desde os primórdios de nossa sociedade, esquecer era a norma e lembrar, a exceção, nota Mayer-Schönberger (2009). Devido à tecnologia digital, entretanto, a capacidade da sociedade de esquecer foi suspensa. A digitalização, o armazenamento barato e a recuperação fácil, nota o teórico, tornou o ato de esquecer mais caro do que o de lembrar. Na era analógica, relembrar consumia tempo e dinheiro. O ato de imprimir demandava seleção devido aos custos de papel e impressão. Hoje, por que consumiremos tempo para apagar algumas fotos em acervo digital quando podemos ter todas a um custo mínimo? (2009, p. 47).

O problema, observa Mayer-Schönberger, é que a memória digital afeta nossa capacidade de raciocínio. Ele assinala que o ato de relembrar implica experiências e ideias que reemergem em nossas mentes, influenciadas pelo contexto e por nossas experiências (2009, p. 27). Portanto, nossa memória está sempre se transformando. A memória coletiva forma a individual, em um processo dinâmico (HALBWACHS, 2006). A memória digital, diferentemente, é única: é como se todos nós passássemos a ter um único denominador comum. O passado não é mais construído, mas refletido (2009, p. 19).

Mesmo a partir de Gutenberg, quando a nossa memória externa entrou na era da produção de massa, lembrar ainda era mais caro que esquecer. Livros ainda eram restritos a uma elite (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009, p. 39). Com a imprensa, o quadro começou a mudar. O que emergiu da leitura dos jornais foi a memória social compartilhada, com os periódicos ajudando a formar a memória de acontecimentos que não testemunhamos (ZELIZER, 1992). Assim como depois fariam o rádio e a TV.

A relação entre jornalismo e memória já foi objeto de estudo de diversos autores. Erll (2011) argumenta que a memória cultural é impensável sem a mídia. Zelizer (1992) afirmou que a narrativa do passado é atravessada pelo que a mídia escolheu lembrar:

A narrativa do passado americano [ou de qualquer passado contemporâneo] será em parte a narrativa do que a mídia escolheu lembrar, a narrativa sobre como as memórias da mídia se tornaram a da própria América [ou de qualquer outro país]. Se não pela autoridade dos jornalistas, então certamente pela autoridade de outras comunidades, indivíduos e instituições que reivindicarão seus

pontos de vista. É a partir desta competição que a história [e alguém pode acrescentar, cultura e memória] é feita (1992, p. 214)⁵.

Olick (2014) reivindica uma centralidade para o jornalismo na construção da memória social. Ele sustenta que o “jornalismo entra no fluxo dos acontecimentos, moldando-os” e que “lembramos de imagens e eventos jornalísticos que são parte essencial da memória pública” (2014, p. 28-29)⁶. Schudson (2010) afirma que o papel do jornalismo na construção da memória vai além dos eventos notórios. Ele argumenta que o jornalismo é, ao mesmo tempo, veículo e agente da memória social ao mostrar, sobretudo, como as pessoas agem no dia a dia de suas vidas. Ribeiro (2000) também notou que o discurso jornalístico produz uma ideia de história que se articula em dois níveis temporais. Além do que relaciona o homem ao seu passado, há o que o conecta ao seu cotidiano:

A ideia de história resultante do primeiro nível define-se, no senso comum, pela coincidência que os indivíduos têm do processo social no qual estão inseridos. É a chamada história vivida, registrada quotidianamente nos jornais (RIBEIRO, 2000, p. 36).

Além dos riscos apontados por Mayer-Schönberger dos meios digitais para a formação da memória coletiva, Edy (2014) nota que o cenário contemporâneo do jornalismo, com a proliferação dos canais de mídia, poderá influenciar os mecanismos pelos quais a sociedade recorda (2014, p. 66). No mundo pós-*broadcast*, como ele denomina o contexto atual, a ideia de uma memória dominante ou *mainstream* começa a soar problemática à medida que a mídia se fragmenta (2014, p. 70).

“Páginas para a História”

Primeiras páginas foram gritadas por pequenos jornaleiros nas ruas, mas seus gritos não foram efêmeros como várias notícias do dia fadadas ao esquecimento diante do fluxo incessante de acontecimentos que se sucedem dia após dia nas capas de jornais. Seus ecos são conservados e contribuem para construir a memória social. Primeiras páginas são reproduzidas como documentos históricos em filmes, livros e exposições. E, até hoje, apesar da queda de circulação e

⁵ No original, em inglês: “The story of America’s past [or of any other contemporary past] will remain in part a story of what the media have chosen to remember, a story of how the media’s memories have in turn become America’s [or any other country’s] own. And if not the authority of journalists, then certainly the authority of other communities, individuals and institutions will make their own claims to the tale. It is from just such competition that history [and one might add, culture and memory] is made”.

⁶ No original, em inglês: “journalism enters into the flow of events and shapes them”. “We remember journalistic images and events, and these are major features of public memory”.

audiência dos impressos, elas são lembradas nas redes sociais, sejam reproduzidas pelos próprios veículos, sejam compartilhadas pelos usuários. Em um processo de remediação (BOLTER; GRUSIN, 2000), elas tornam-se metamídia (MANOVICH, 2003).

Existem, inclusive, contas no Twitter criadas pelos jornais exclusivamente para publicar suas páginas históricas, como a @OnThisDayNYT e @EstadoAcervo, do *The New York Times* e de *O Estado de S. Paulo*, respectivamente. Para o jornalista Alberto Dines, primeiras páginas são compostas por “fragmentos intermitentes e esgarçados” que “transformam-se em História”:

Nas manchetes e destaques, neste sistema de hierarquizar e relacionar o novo com o que é sabido, estão resumidas a arte e a ciência do jornalismo. Apesar de tanto esmero, ultrapassada a vigência e a vibração da edição, ela torna-se dispensável e descartável. Passado algum tempo, o milagre: a fênix renasce, aqueles fragmentos intermitentes e esgarçados somam-se e transformam-se em História (DINES, 1997, p. 6).

Em texto publicado no livro *Primeira página: 95 anos de história nas capas mais importantes da Folha*, Frias Filho ressaltou também o papel de tais “fragmentos intermitentes” apontados por Dines. Para o jornalista, a importância do que chama de “trivialidades” estampadas nas primeiras páginas formaria “o tecido subcutâneo da história”. “É natural que os elementos de leitura utilitária, pragmática e, por isso mesmo, efêmera apareçam na primeira página, dirigida, afinal, ao leitor da manhã seguinte, não ao pesquisador do futuro”, nota (2016, p. 7). A afirmação do jornalista é respaldada pela observação de Ribeiro (2000), que apontou como o passado e o cotidiano se articulam nos jornais.

O jornalista Janio de Freitas, colunista da *Folha de S. Paulo* e ex-diretor de redação do *Jornal do Brasil*, do *Correio da Manhã* e do *Última Hora*, também assinalou o papel significativo das primeiras páginas no registro dos acontecimentos do cotidiano “para o bem e para o mal dos historiadores”. Para ele, elas são uma fonte fundamental para se entender, sobretudo, “o ambiente circunstancial”, mas advertiu para os riscos disso:

Quem hoje pega um jornal antigo imediatamente imagina que aqueles eram os assuntos comentados do momento, o que não é necessariamente verdade. As redações sempre serviram à política de seus patrões. As primeiras páginas refletiam a política de suas empresas, omitindo certas coisas, realçando outras que não tinham tanto realce⁷.

Para o jornalista, é preciso que se faça sempre uma leitura crítica do que está estampado nas primeiras páginas para que se entenda as relações de poder por trás delas. Apesar das

⁷ Em entrevista realizada no dia 5 de julho, no apartamento da autora, em Ipanema, e complementada por telefone no dia 29 de setembro.

ressalvas, o jornalista disse acreditar, entretanto, que os jornais e primeiras páginas tenham também papel fundamental na construção dos registros dos fatos memoráveis, como apontado por Zelizer (1992). Ele observa, no entanto, que os jornalistas “não pensam nisso quando estão fazendo o jornal”. Portanto, memória e esquecimento, para o jornalista, estão intrinsecamente articulados nas rotinas produtivas que resultam nas primeiras páginas.

Ricardo Noblat, ex-diretor de redação do jornal *Correio Braziliense* entre 1994 e 2002, também compartilhou da crença que, ao editar primeiras páginas, jornalistas não têm ainda a consciência do que permanecerá como narrativa de construção de memória. Noblat, inclusive, defendeu que editores não tenham essa preocupação ao selecionar e hierarquizar as notícias, pois seu compromisso não deve ser com a história, mas com o jornalismo. “Documento histórico será o que eu ofereci. Se eu fizer muitas coisas boas, os leitores me terão como referência”⁸, sustentou.

Ser a “testemunha ocular da história” foi um bordão eternizado pelo Repórter Esso que, observou Ricardo Boechat, está ligado “à mística do jornalista” e ao discurso autorreferenciado de que o jornalismo respalda a história por testemunhá-la⁹. Responsável pelo fechamento da primeira página no *Jornal do Brasil* em 1987 e em 2001, ele ressaltou que, em 45 anos de jornalismo, nunca havia testemunhado “coisa alguma”. Para Boechat, o papel que cabe ao jornalista não é testemunhar a história, mas relatá-la e formatá-la de acordo com as versões daqueles que presenciaram os acontecimentos que serão transformados em notícias:

As testemunhas reais, que são os cidadãos, testemunhavam os fatos e nos contavam, certo? E nós fazíamos o quê? Formatávamos, narrávamos, editávamos, ilustrávamos e, principalmente, difundíamos, dávamos escala de massa à narrativa dos fatos que nós não tínhamos testemunhado, e sim que tinham sido contados para nós¹⁰.

Aparentemente, as falas de Jânio, Noblat e Boechat deixam em segundo plano o papel das primeiras páginas na formação da memória coletiva. No entanto, elas estão em consonância com as reflexões de Zelizer (1992), Schudson (2010) e Ribeiro (2000) sobre o papel do jornalismo na formação da memória, proporcionando um denominador comum para acontecimentos que sequer testemunhamos e servindo como veículo e agente da memória. É sintomático também o uso dos

⁸ Em entrevista à autora, realizada no dia 29 de julho de 2016, pessoalmente, no apartamento do jornalista, em Ipanema, no Rio de Janeiro.

⁹ O Repórter Esso foi um programa que estreou na Rádio Nacional, em 1941, patrocinado pela Esso do Brasil, e permaneceu no ar até 1968. O noticiário também migrou para a TV Tupi a partir de 1952, permanecendo no ar até 1970. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/testemunha-ocular-da-historia-reporter-esso-fez-sucesso-no-radio-na-tv-19930939>>. Acesso em 5 nov de 2016.

¹⁰ Em entrevista à autora, no dia 7 de junho de 2016, por telefone.

termos “formatar”, “registrar” e “oferecer documentos históricos” pelos profissionais, reforçando a importância do que é inscrito e conservado para a posteridade em primeiras páginas impressas.

Autor do livro sobre a coletânea de capas de *O Globo* na comemoração dos 80 anos do jornal, o jornalista Aluizio Maranhão, editor de opinião do jornal e diretor de redação de *O Estado de S. Paulo* entre 1992 e 1998, diferentemente de seus pares Noblat, Janio e Boechat, declarou que deve ser, sim, preocupação do editor produzir primeiras páginas que contribuam para a narrativa memorial. Para ele, o editor deve usar a “emoção” ao conceber a capa do jornal, mas “sem descuidar-se das implicações futuras do fato”.

Na edição do livro, fica claro que ele se guiou pelos principais fatos históricos do período da coletânea para, a partir deles, escolher as capas que seriam “memoráveis”, incluindo a queda da Bolsa de Nova York, o suicídio de Vargas, o início e o fim da Segunda Guerra, a renúncia de Jânio Quadros, o assassinato de Kennedy, a derrubada de João Goulart, o AI-5, a chegada do homem à Lua, os atentados de 11 de setembro, entre outras. Mas há também capas sobre o carnaval, as corridas automobilísticas que mobilizavam a cidade entre os anos 1930 e 1950 e tragédias como a queda do zepelim Hindenburg, em Nova Jersey, em 1937.

Ao pesquisar as páginas que comporiam a coletânea no acervo de *O Globo*, ele contou que chamaram sua atenção as capas com fotos ocupando praticamente toda a primeira página e manchetes com letras garrafais já nas décadas de 1930 e 1940. Ele notou que tais recursos voltaram a ser empregados na contemporaneidade, uma vez que a tarefa do jornal do dia seguinte não seria mais noticiar em primeira mão, no contexto de consumo atual, com a ascendência dos meios digitais. Portanto, ele disse crer que os desdobramentos dos acontecimentos ganhariam ainda mais relevância do que as notícias em si, o que reforçaria o papel da primeira página na construção da memória. Para Maranhão, “deve ser uma preocupação do editor” criar páginas “para a História”:

É curioso que hoje, nos tempos de concorrência digital, volta-se a usar o mesmo recurso. Como todos já sabem o que aconteceu, usa-se, de forma correta, a emoção, sem descuidar-se das implicações futuras do fato. Exemplo: na edição do impeachment, a manchete foi “E agora, Temer?”, abaixo de “Dilma sofre impeachment”. Uma primeira página para a História. O que também deve ser uma preocupação do editor¹¹.

¹¹ Em entrevista à autora no dia 22 de junho, na redação de *O Globo*.

Ou seja, Maranhão reforçou a articulação das primeiras páginas com a memória, ao crer no poder simbólico do papel (DEBRAY, 1993; CHARTIER; 1998; INNIS, 2011), reforçando ainda mais sua importância na era digital, de desmaterialização dos suportes no jornalismo em rede.

Desmaterialização e esquecimento

No cenário contemporâneo, sucessivas atualizações ao longo do dia inscrevem e apagam em minutos manchetes e chamadas que antes os jornais imprimiam em um intervalo de 24 horas, caracterizando a desmaterialização das primeiras páginas *on-line*. Se, por um lado, as primeiras páginas *on-line* são fluidas e estão em mudança constante, os links que direcionam para as reportagens estampadas nas capas dos sites, por outro lado, são perenes: tudo está indexado e arquivado nos mecanismos de busca ou nos bancos de dados dos próprios veículos.

Donde se conclui: o combustível para a memória social continua sendo produzido. Entretanto, tal memória no jornalismo em rede é agora mais fragmentada. Em acervos digitais de jornais, é possível pesquisar as primeiras páginas – muitas delas memoráveis – de acordo com as datas ou assuntos. No jornalismo em rede, entretanto, não há *uma home page* do dia, mas várias delas, conforme o desenrolar dos acontecimentos. Nenhuma delas, no entanto, é arquivada¹².

Ascanio Seleme, ex-diretor de redação de *O Globo*, acentuou como os próprios jornalistas contribuem para o esquecimento das *homes* no processo de edição de primeiras páginas *on-line*:

Não existe memória das primeiras páginas *on-line*. Elas se apagam. A não ser que você fique dando *printscreen* de todas as páginas. E a gente aqui acelera muito essas mudanças porque queremos que a *home* seja dinâmica, mesmo sendo cada vez mais baixa a entrada de leitores por ela¹³.

Interessante notar que, para Ascanio, a conservação da memória das *homes* só seria possível com *printscreens*, fazendo uma alusão ao correspondente do que seria o formato papel na internet e reforçando o valor simbólico do suporte (MOUILLAUD, 1997; DEBRAY, 1993).

O paradoxo entre o excesso de memória no jornalismo em rede – todos os links são indexados na web, como já apontado – e a ausência dela em relação às *homes* foi observado por Ali Kamel, diretor de Jornalismo da Rede Globo e ex-diretor de redação de *O Globo*. O jornalista

¹² Na página da organização sem fins lucrativos The Internet Archive, é possível resgatar bilhões de *home pages* de jornais do mundo todo, mas não todas.

¹³ Em entrevista à autora, no dia 26 de julho de 2016, na redação de *O Globo*, quando ainda ocupava o cargo de diretor.

ressaltou que sempre será possível saber como os veículos abordaram os assuntos por meio dos links para as reportagens, mas o “visual” se perderá:

Hoje, a gente ainda tem o papel. Mas, na internet, temos uma *home* a cada 30 segundos. Sempre haverá uma forma de saber “como é que o *New York Times* deu tal assunto”. Haverá sempre a possibilidade de eu fazer uma busca e encontrar 900 matérias. Então esse papel a gente não vai perder. Mas vamos perder o visual, a imagem¹⁴.

Ao mencionar que o “visual” das primeiras páginas *on-line* será esquecido, nota-se um alinhamento da fala do jornalista à metáfora do “frasco” de Mouillaud. O conteúdo seria indissociável de sua embalagem. Por outro lado, o jornalista também aponta para a abundância de mensagens *on-line* ao se referir às “900 matérias” que não nos farão esquecer sobre a abordagem de jornais acerca de determinados temas, ajudando a reforçar em nossas mentes uma “memória refletida” (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009), à medida que os suportes se tornam mais baratos e abundantes (DEBRAY, 1993).

Ao comentar o problema da efemeridade das páginas *on-line*, ele acentuou que os desafios para os historiadores, que costumam usar os veículos noticiosos como fonte de pesquisa, serão enormes, à medida que os suportes ficam mais evanescentes:

Os historiadores continuarão a nos ter como fonte. Eles têm muito mais problemas do que a gente imagina. Correspondências que foram substituídas por e-mail, por exemplo. E você tem hoje a troca de milhares de e-mails. Quando você redigia uma carta, se dedicava a início, meio e fim. Hoje são bilhetes, WhatsApp¹⁵.

A jornalista Eleonora de Lucena, que foi responsável pela primeira página da *Folha de S.Paulo* (entre outras atribuições) de 1992 a 2010, disse acreditar que a memória do jornalismo e a da própria sociedade ficarão prejudicadas, à medida que os suportes mudam e se extinguem, como foi o caso do disquete, lembrou. Para ela, a falta de um armazenamento sistemático de *home pages* é “um problemão”:

Isso é um problemão. Daqui a pouco, os computadores do jeito que a gente os conhece acabam e para onde vai tudo isso? Você se lembra dos disquetes? A tecnologia está evoluindo muito depressa e as bases físicas, os arquivos, estão sendo perdidos. Será um problema para a memória e que vai afetar os historiadores no futuro¹⁶.

Consciente da complexidade do tema, o jornalista Fabio Victor, ex-editor da primeira página da *Folha de S.Paulo*, disse que ele “ainda é uma incógnita” e apontou para a necessidade de o

¹⁴ Em entrevista à autora, na sede da TV Globo, no Rio de Janeiro, no dia no dia 19 de julho de 2016.

¹⁵ Em entrevista à autora, na sede da TV Globo, no Rio de Janeiro, no dia no dia 19 de julho de 2016.

¹⁶ Em entrevista à autora, realizada na Livraria Cultura Conjunto Habitacional, em São Paulo, no dia 11 de julho de 2016.

jornalismo em rede oferecer “um retrato um pouco mais congelado dos acontecimentos”. Isso não significa que tenha defendido menos velocidade na atualização das notícias da *home*, e sim que editores possam escolher destacar para seus leitores “duas ou três” *homes* mais importantes por dia – ou até mesmo só uma – afinal, lembrou, nosso tempo biológico continua sendo de 24 horas.

Acho que isso ainda é uma incógnita. Talvez a gente vá precisar de uns dois ou três recortes diários dessa curadoria para dar um retrato um pouco mais congelado dos acontecimentos ou apenas um mesmo porque, afinal de contas, a gente continua contando nosso tempo biológico em 24 horas¹⁷.

A falta de uma rotina de armazenamento das *homes* também preocupa os jornalistas de *O Globo*. Ao organizar o evento dos 20 anos do site do jornal, comemorados em julho de 2016, a redação se deparou com a ausência das primeiras páginas *on-line* de datas emblemáticas para serem exibidas na ocasião. A ex-editora-executiva Silvia Fonseca afirmou que o tema vinha sendo discutido e que uma das opções seria escolher algumas *homes* para serem arquivadas, “em momentos-chaves do dia” ou de “acontecimentos relevantes” no Brasil e no mundo. Cópias de tais páginas seriam feitas e arquivadas em uma seção do Acervo de *O Globo*:

Nós devemos ter, em média, oito ou dez manchetes ao longo do dia. Isso realmente é uma característica distintiva em relação ao papel do ponto de vista do registro histórico. Não há como arquivar. Acho que é um problema dos jornais do mundo inteiro¹⁸.

Preocupado em registrar o grande furo do ano do jornal, em 2017, quando o colunista Lauro Jardim revelou que um dos donos da JBS, Joesley Baptista, gravara o presidente Michel Temer dando aval para a compra de silêncio do então presidente da Câmara, Eduardo Cunha, para evitar que fizesse revelações comprometedoras contra o governo, o diretor de redação de *O Globo*, Alan Gripp, diz que fez questão de guardar a capa do site, onde a notícia foi dada em primeira mão, em arquivo em pdf:

No futuro, os grandes momentos vão estar registrados em buscas, mas é diferente. A primeira página impressa ajuda a organizar esses momentos. Eu fui um dos grandes defensores que o furo da JBS fosse para a internet. Mas “fotografamos” essa primeira página web em pdf para gerarmos o registro histórico. Ainda que de maneira meio perdida, acredito que o conteúdo histórico no jornalismo continuará tendo relevância¹⁹.

Aluizio Maranhão ainda não tinha refletido sobre a perda da memória das *homes* no jornalismo em rede. A princípio, ele não constatou a existência de um problema, pois estava

¹⁷ Em entrevista à autora realizada no restaurante Pasv, em São Paulo, no dia 12 de julho de 2016.

¹⁸ Em entrevista à autora realizada na redação de *O Globo*, no Rio de Janeiro, no dia 14 de julho de 2016, quando ainda ocupava o cargo.

¹⁹ Em entrevista à autora realizada na redação de *O Globo*, no Rio de Janeiro, no dia 3 de julho de 2018.

relacionando a memória do jornalismo com os links indexados nos mecanismos de busca e as edições impressas que já passaram pela digitalização e hoje compõem os acervos digitais dos jornais. Ao ser questionado sobre a ausência das “*homes* do dia”, ele também apontou como solução arquivar as *homes* em momentos-chaves:

Não havia pensado nisso. Talvez devêssemos arquivar as *homes* em momentos-chaves. Teria de ser pensado algo para os sites. Mas o custo de armazenamento disso deve ser altíssimo. Quem sabe com a evolução das nuvens e a queda de custos? Esse problema não existia antes do digital. Ele veio, resolveu uma série de questões, mas criou essa²⁰.

As falas de Eleonora de Lucena, Silvia Fonseca, Fábio Victor, Alan Gripp e Aluizio Maranhão também estão permeadas por alusões ao suporte papel: “congelamento”, “armazenamento de *homes* nos acervos digitais”, “pdfs de páginas” e “risco de perda das bases físicas” apontam, mais uma vez, para a relação entre memória e esquecimento e os suportes nos quais são veiculadas as mensagens, indicando uma tendência entre os jornalistas a associar a perenidade das mensagens ao suporte impresso (DEBRAY, 1993; MOUILLAUD, 1997).

O editor de mídias sociais de *O Globo*, Sérgio Maggi, que também já editou a *home page* do jornal, minimiza as consequências da falta de arquivamento das *homes* para a memória. Para ele, a partir do momento que as formas de acesso às notícias estão mudando, o público talvez não sinta falta delas organizadas em uma *home* enquanto registro memorial:

O registro se perde no *on-line*. Mas como as pessoas estão consumindo as notícias de uma maneira diferente, não sei se elas vão sentir tanta falta do registro de momentos históricos. Provavelmente, muita gente que leu matérias importantes nem viu como elas estavam na capa do site. A pessoa pode ter entrado no link publicado por nós no Facebook ou no Twitter. Eu não sei se a gente vai perder ou se a gente vai descobrir outras maneiras de preservar estes momentos históricos pela ótica do jornalismo²¹.

Ricardo Noblat, para quem não deve ser atribuição do jornalista preocupar-se com a geração de registros memoriais, defendeu que esse paradigma, inspirado no jornal impresso, seja quebrado. Ele também ressaltou a contradição de não haver memória das *homes*, mas, em contraposição, existir registros de todas as reportagens separadamente, acessíveis pelos mecanismos de busca ou nos bancos de dados digitais:

Essa preocupação é uma bobagem. Vamos deixar que os livros registrem. E você tem todos os links na internet. Está tudo registrado. Ou você quebra um monte de paradigmas ou você não vai renovar nada²².

²⁰ Em entrevista à autora realizada no dia 22 de junho, na redação de *O Globo*, no Rio de Janeiro.

²¹ Em entrevista à autora, no dia 8 de julho de 2016, na redação de *O Globo*, no Rio de Janeiro.

²² Em entrevista à autora, realizada no apartamento do jornalista no Rio de Janeiro, em Ipanema, no dia 29 de julho de 2016.

Ricardo Boechat concordou que o jornalismo em rede não precisa se afligir com a ausência de registros das *homes*. “Mesmo que o noticiário da internet não cultive esse hábito, ou propósito, haverá, abundantemente, quem o faça. No final das contas, sem prejuízo para pesquisas futuras”, observou o jornalista. “São tantos os recursos para armazenagem de notícias, com foco na construção da memória histórica, que talvez possamos aceitar que o *on-line* abra mão dessa tarefa”, assinalou²³.

Maggi, Noblat e Boechat minimizaram o que os outros jornalistas aqui entrevistados assinalaram como um problema para a preservação da memória no jornalismo em rede. Os três acreditam que a “embalagem” que se perde nas novas formas de navegar, por links, assim como a falta de arquivamento organizado e sistemático das *homes*, não resultarão na perda da memória social que o jornalismo ajuda a construir. Ao apontarem que “tudo está registrado”, eles estão em consonância com o pensamento de Mayer-Schönberger (2009).

Considerações finais

Primeiras páginas ajudaram a conformar nossos corações e mentes sobre acontecimentos que muitas vezes não testemunhamos. Os gritos dos jornaleiros não foram efêmeros e ecoaram (ou ecoam) por décadas em nossas vidas. Manchetes ocuparam (ocupam) lugar de destaque no imaginário da memória coletiva²⁴. A hesitação na conjugação dos tempos verbais reflete aqui uma incerteza sobre o lugar na memória que a elas estará reservado no futuro.

À medida que se acentua a desmaterialização dos suportes e surgem novos modos de consumir notícias, a efemeridade ameaçaria tornar ineficaz a força da primeira página *on-line* como instrumento comunicacional e agente de formação da memória. Entretanto, até que ponto já estamos saturados de registros à medida que nossa cultura aumenta a sua capacidade de armazenagem?

As falas dos jornalistas aqui relacionadas dialogam com esse dualismo de lembrar e esquecer que o jornalismo aciona. Talvez seja mais adequado não enxergar um cenário pessimista tendo em vista que os suportes utilizados para a preservação da memória foram

²³ Em entrevista à autora, realizada no dia 7 de junho de 2016, por telefone.

²⁴ É claro que as notícias veiculadas nas outras mídias também compõem esse imaginário, mas a ênfase aqui é dada propositalmente aos jornais por serem o foco e o recorte deste trabalho.

mudando ao longo dos séculos. Todos eles, sejam em museus, sejam em nossas práticas comunicacionais cotidianas, continuarão gerando discursos que disputarão espaço em nossas consciências. Todavia, a memória coletiva será atravessada por mais discursos e poderá haver o risco dos “silos de memória” apontado por Edy (2014).

No jornalismo em rede, cabe a pergunta: com centenas de primeiras páginas *on-line* sendo produzidas e apagadas por dia, alguma delas conseguirá ser memorável? Por outro lado, no início de sua adoção, o papel, como já apontado, não era considerado um suporte confiável, por ser mais barato e reproduzível. Quem sabe a desmaterialização dos suportes na era digital não possa vir a acionar outros valores simbólicos com o passar do tempo?

Adriana Barsotti

Professora do Departamento de Comunicação da UFF

Doutora em Comunicação / PUC-Rio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7834-9937>

E-mail: barsotti.adriana@gmail.com

Recebido em: 12 de maio de 2020.

Aprovado em: 26 de maio de 2020.

Referências

BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação**: do cão de guarda ao mobilizador de audiência. Florianópolis: Insular, 2014.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: understanding new media. Cambridge: The MIT Press, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unesp, 1998.

DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia geral**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DINES, Alberto. Prefácio. In: _____ (Org.). **100 páginas que fizeram história**: grandes momentos do jornalismo brasileiro nos últimos 80 anos. São Paulo: LF&N, 1997, p. 6-7.

EDY, Jill. Collective memory in a post-broadcast world. ZELIZER, B. e TENENBOIM-WEINBLATT, K. (orgs.). **Journalism and memory**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014, p. 66-77.

ERLL, Astrid. **Memory in culture**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FRIAS FILHO, Otávio. Apresentação. In: FOLHA DE S.PAULO. **Primeira página**: 95 anos de história nas capas mais importantes da Folha. São Paulo: Publifolha, 2016, p. 7.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HEINRICH, Ansgard. **Network Journalism**. Londres: Routledge, 2011.

INNIS, Harold. **O viés da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MANOVICH, Lev. La vanguardia como software. **Artnodes**, Barcelona, v. 1, 2003. Disponível em <<http://www.uoc.edu/artnodes/espai/esp/art/manovich1002/manovich1002.html>>. Acesso em 8 fev.2017.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor. **Delete**: the virtue of forgetting in the digital age. Princeton: Princeton University Press, 2009.

MCADAMS, Melinda: Inventing Online newspaper. **Interpessoal Computing and Technology: an eletronic journal for the 21st century**. Washington, v.3, n.3 p. 1-11, 1995. Disponível em <<http://www.helsinki.fi/science/optek/1995/n3.txt>>. Acesso em 15 fev. 2017.

MC LUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2011.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: _____. e PORTO, S. D. (Org.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 29-36.

OLICK, Jeffrey. K. Reflections on the underdeveloped relations between journalism and memory studies. ZELIZER, B. e TENENBOIM-WEINBLATT, K. (orgs.). **Journalism and memory**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar na história. In: **Lugar Comum**, n.11, p. 25-44, 2000. Disponível em <<http://uninomade.net/cgi-sys/suspendedpage.cgi>>. Acesso em 12 out. 2016.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.

ZELIZER, Barbara. **Covering the body**: the Kennedy assassination, the media and collective memory. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

Resumo

O jornalismo sempre contribuiu para a formação da memória social compartilhada. Primeiras páginas de jornais cumpriram uma importante função comunicacional, ajudando a construir nosso imaginário sobre acontecimentos que sequer testemunhamos. Nos primórdios da internet, elas foram transpostas para os sites como home pages. Na contemporaneidade, entretanto, assistimos a uma queda na penetração dos jornais impressos e o surgimento de novas formas de navegação, por links, que podem afetar o modo pelo qual recordamos as notícias. O objetivo deste artigo é analisar a articulação entre memória e esquecimento que são acionados a partir da leitura de primeiras páginas em seus suportes impresso e digital e as consequências da desmaterialização para o jornalismo. Para atingir os objetivos, foram realizadas entrevistas em profundidade com 10 jornalistas que já editaram ou editam primeiras páginas e home pages em jornais de referência.

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Jornalismo em rede.

Abstract

Journalism has always contributed to shape shared social memory. The front pages of newspapers fulfilled an important communicational function, helping to build our imaginary about events that we do not even witness. In the early days of the internet, they were transposed to websites as home pages. In contemporaneity, however, we have seen a drop in the penetration of printed newspapers and the emergence of new forms of navigation, through links, which can affect the way in which we remember the news. The purpose of this article is to analyze the articulation between memory and forgetfulness that are triggered by reading the front pages in their printed and digital media and the consequences of dematerialization for journalism. To achieve the objectives, in-depth interviews were conducted with 10 journalists who have already edited or still edited the front pages and home pages in leading newspapers in Brazil.

Keywords: Memory. Forgetfulness. Network Journalism.

Resumen

El periodismo siempre ha contribuido a la formación de la memoria social compartida. Las portadas de los periódicos cumplieron una importante función de comunicación, ayudando a construir nuestro imaginario sobre los eventos que nunca presenciamos. En los primeros días de Internet, fueron transferidos a los sitios de noticias como home pages. Sin embargo, en la contemporaneidad, hemos visto una caída en la penetración de los periódicos impresos y la aparición de nuevas formas de navegación, a través de enlaces, que pueden afectar la forma en que recordamos las noticias. El propósito de este artículo es analizar la articulación entre la memoria y el olvido, que se desencadenan al leer las primeras páginas en sus medios impresos y digitales y la consecuencia de la desmaterialización para el periodismo. Para lograr los objetivos, se llevaron a cabo entrevistas en profundidad con 10 periodistas que editan o han editado las portadas e home pages en los principales periódicos de Brasil.

Palabras clave: Memoria. Olvido. Periodismo em red.